

O Alzheimer, um relato de vida

Catiana Ferraz da Silva



Nos últimos anos, interessei-me muito por este tema, principalmente pela experiência que tive com a minha mãe, que foi diagnosticada com a doença de Alzheimer aos 45 anos de idade. Sendo a filha mais velha, sempre estive ao lado de minha mãe, especialmente após o diagnóstico, porque foi um choque para toda a família, pois nos traz uma sensação de impotência frente a essa demência, trazendo uma série de sentimentos, como medo, angústia e uma grande tristeza.

Poder escrever um pouco sobre essa demência é, de fato, um alívio de certa forma, porque nos faz entender que muitas coisas fogem do nosso entendimento. Não existe conforto para uma filha de uma mãe com Alzheimer, somente existe sensação de impotência e arrependimento de não ter curtido muito mais ela enquanto tinha saúde. No período em que ela piorou de saúde, eu estava cursando a graduação em Letras e tive que me dividir entre os cuidados com ela e os estudos, o que acabou se tornando um momento de muita luta, de muita dedicação e de muito esforço para sempre a ver bem.

Durante esse período, procurei sempre dar o melhor a ela, levando-a nos melhores médicos, tentando terapias e métodos diferenciados, como atendimento espiritual, Reiki com barras de access, entre tantas outras alternativas que eu conhecia. Contudo, não obtivemos resultados positivos em nenhum desses tipos de tratamento, pelo contrário, via ela regredindo a cada dia que passava.

Nos piores momentos, que foram nos finais de semana, eu tentava levá-la para passear na casa das suas irmãs, caminhar e dançar. Foi assim que o tempo foi passando e tudo piorando, os remédios só faziam piorar a situação. Os cuidadores já não conseguiam mais dar conta do comportamento de minha mãe que convulsionava muito. Eu não tinha casa adaptada e nem oxigênio para dar conta do atendimento que ela precisava. Foi então, nesse momento, que abriu uma casa de idosos (clínica de profissionais) no município onde nós moramos.

No início com valores muito altos, minha família achou que não conseguiríamos pagar, mas depois, em um segundo momento, cogitamos essa possibilidade. Dessa forma, decidimos institucionalizá-la, mas sempre íamos visitá-la, levávamos para passear, de maneira que os vínculos afetivos não fossem cortados. No entanto, em virtude da pandemia pelo Covid-19, a promotória acabou impedindo a nossa entrada na instituição e isso acabou sendo muito

ruim, pois acarretou na perda do pouco de consciência que minha mãe tinha. Quando finalmente fomos autorizados e vê-la, vimos que sua situação de saúde tinha piorado muito.

O desespero tomou conta da nossa família a partir dessa fase, principalmente em mim, que estive sempre tão presente na vida dela. Minha mãe sempre foi uma mulher linda, trabalhadora, boa esposa e mãe, não existia quem não gostava dela. Ela recebe até hoje muitas e muitas visitas e nós, as filhas, muitas vezes sofremos preconceito por parte da população por tê-la deixado nesta instituição. Muitas pessoas ainda acham que o Alzheimer é contagioso e, por conta disso, acabamos sendo discriminadas, pois acham que não temos capacidade de seguir por conta própria ou, ainda, que, um dia, também poderemos desenvolver essa doença.

O que mais me entristece, nisso tudo, é saber que minha mãe é mulher como eu, de família pobre, que teve nenhuma ou poucas oportunidades em sua vida. Só o que fez na vida foi trabalhar para adquirir bens patrimoniais e criar suas três filhas. Ela cumpriu a sua missão e aqui fica o registro dessas lembranças para que outras pessoas, assim como eu, não desistam de cuidar dos seus pais acamados.

Existe a esperança de que ela deixe de usar a sonda e se levante da cama, ainda que este possa ser visto como um desejo impossível de ser alcançado. De todo modo, espero que as pessoas que estão passando por isso tenham a consciência de cuidar melhor da dieta alimentar dos entes queridos enquanto ainda é cedo e que possam inserir o hábito do exercício físico o quanto antes. Afinal, o que vale é a constância nesses casos.

Também espero e desejo que todos tenham muita sorte, muita dedicação, muito empenho, muita paciência, tranquilidade e, especialmente, muito amor, pois este é um processo extremamente desgastante e deprimente. Vive-se um luto bem antes da morte de fato, levando-nos para um precipício que parece não ter volta. Além disso tudo, também é preciso que se tenha recursos para poder bancar terapias, medicamentos, reabilitação, de maneira que, aquela pessoa que não tiver condições de ter acesso a isso, certamente se encontrará presa em um espaço de muita opressão, desânimo e, até mesmo, culpa.

Eu, como filha mais velha, posso afirmar que todas estas inquietações me fizeram refletir e pesquisar muito sobre este assunto, mas o mais importante é poder dizer que o amor entre a minha mãe e eu viverá para sempre. Viverá nas coisas que realizamos juntas, nos almoços deliciosos que degustamos e nas músicas que dançamos. Apesar de ser triste a minha fala, ela é reflexiva e servirá de alerta para que as pessoas cuidem mais das pessoas que dizem amar e para que se cuidem também.

Data de recebimento: 19/02/2023; Data de aceite: 20/03/2023

Catiana Ferraz da Silva - Mestranda do Curso de Mestrado em Letras, pela Universidade de Santa Cruz do Sul, artigo escrito para a disciplina de: Cérebro e Envelhecimento Humano, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Santa Cruz do Sul. Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual de Ensino Médio Cristo Rei da cidade de Passa Sete – RS. E-mail: catianaferraz@gmail.com